

2.º — A paciente dedicava-se a um trabalho exaustivo visual até altas horas da noite, em confecções de papeis delicados para ornamentações. Concorrendo de uma maneira bastante prejudicial para a fadiga dos musculos intrinsecos, facilitando a diminuição de resistencia de defesa do globo ocular.

Não tenho duvida nenhuma em dizer que os arsenicais, nesse caso, provocaram diretamente o aparecimento do infiltrado precoce. Pelas condições imuno-biologicas do organismo atingido, provocando a vaso dilatação, fizeram com que o bacilo se localisasse no *tratus uveal* do olho esquerdo ou na veia proxima ao nervo optico. Daí uma *nevrite* optica com extase, alastrando-se para outras partes do globo ocular.

JACQUES DAVIEL E A EXTRAÇÃO DA CATARATA (*)

ALFREDO ROCCO — S. Paulo

O seculo XVIII deve a sua gloria no campo da Oftalmologia a uma serie de fatos que provaram a localização exata da catarata na lente cristaliniana.

Apesar de Fabricius em 1600 afirmar que a lente cristaliniana se encontrava logo atrás da iris, a idéa do humor morbido precipitando-se no interior do olho, num espaço posterior á iris, obscurecendo a vista, prevaleceu durante toda a Idade Media e durante muito tempo depois.

Com o iniciar-se do seculo XVIII e com o progresso dos estudos anatomicos, novos conhecimentos surgiram confirmando a primeira idéa de Fabricius.

Michael Brisseau em 1705 e Antoine Maitre Jan em 1707 separadamente anunciaram que a catarata é um endurecimento e uma nublção do cristalino. O primeiro, estudando o globo ocular de um soldado morto confirmou definitivamente a localização do cristalino, escrevendo um tratado sobre o assunto e que foi lido na Academie Royale des Sciences por Dodart.

Em 1722, Charles St. Yves conhecedor dos progressos anatomicos da epoca, operou um paciente com luxação do cristalino executando a extração total, porem podemos dizer que isto aconteceu acciden-

(*) Trabalho apresentado á Soc. Oft. São Paulo — 14-4-1942 e á Soc. Paulista Historia Med. — 16-4-1942.

talmente, pois o verdadeiro merito da extração da catarata pela extração do cristalino pertence a Jacques Daviel.

Daviel nasceu na Normandia terra fertil em grandes homens, na pequena cidade de La Barre, no dia 11 de Agosto de 1696, (Morand, Arthur Daviel, Bernay, Delacroix.) numa epoca onde o reinado brilhante de Luiz XIV, favorecendo o desenvolvimento das ciencias e das artes, preparou o apogeo da França no seculo XVIII, principalmente no que diz respeito á medicina. Jacques Daviel de origem modesta, como tantos homens que deixam atraz de si um sulco brilhante, era filho do notario da cidade, pobre, porem inteligente e ativo.

Pouco sabe-se sobre os primeiros anos de vida de Jacques Daviel, devendo ter tido otima instrução. Muito jovem ainda começou a frequentar o serviço cirurgico de um tio em Rouen. Em 1713 já era cirurgião auxiliar do Exercito tendo prestado muitos serviços nos "lazaretos".

Desta data partiu para Paris afin de proseguir seus estudos em Hôtel-Dieu. Entrementes o navio Santo Antonio vindo da Syria e Tripolitania, chegava a Marselha importando a peste. Esta desenvolveu-se ai, sob o carater de uma epidemia devastadora estendendo-se á cidades visinhas (Aix, Toulon, Arles, Salon). De 248.000 habitantes de todas essas cidades, 85.659, seja 35,3% morreram do terrivel mal. Somente em Marselha morreram 50.000 pessoas.

Uma testemunha ocular, o Dr. Fournier de Dijon conta que depois de velho, 55 anos mais tarde ainda tinha a impressão horrivel do que foi o terrivel mal que devastou Marselha: "Entramos em Marselha atravez de dois mil mortos e nove mil agonisantes". O termo **atravez** era exato pois os mortos e os agonisantes cobriam as calçadas das ruas e as praças publicas. Todas as ligações de familia, de amizade, e as leis foram abandonadas. Havia escassez de medicos; cartazes nos hospitais e escolas de medicina de Paris e Montpellier pediam auxiliares voluntarios.

Daviel foi um dos primeiros. Seu sacrificio e abnegação foram postos á prova em Toulon, Arles, Salon e Marselha; 35 companheiros seus pereceram. Daviel abria os bubões pestosos e dirigia o tratamento dos doentes: ele estava animado dessa coragem que enfrenta a morte, coragem rara de ser vista em campos de batalha.

Daviel jamais quiz receber honorarios de todos estes serviços. As autoridades de Provença acabaram por conceder-lhe generosamente 1.500 francos pelos seus serviços em um só ano em quatro lugares mortiferos.

Em Salon, Daviel tratou com especial cuidado a mais jovem das filhas do notavel cirurgião Joseph Felix, porem tudo foi inutil tendo

ela sucumbido pouco tempo depois. Nessa ocasião Daviel sentiu viva inclinação á outra filha de Felix tendo-a desposado no dia 19 de Abril de 1722.

Estabeleceu-se em seguida em Marselha com a proteção das autoridades locais sendo entretanto atacado pela invejosa corporação dos Mestres-Cirurgiões. Daviel expôs seu caso perante o Parlamento, confirmando estes os seus direitos no dia 25 de Junho de 1723.

Começou sua carreira então como mestre de Ciências Cirurgicas com demonstrações de anatomia e cirurgia. Em 1728 foi nomeado oficialmente pela Cidade e em 1738 pelo Rei. Pode-se dizer que Daviel integrou-se quasi completamente á Oftalmologia desde o ano de 1728.

No ano de 1730 operou pela primeira vez uma catarata com bom resultado desde que o outro olho tinha sido operado sem resultado, por outro cirurgião.

É'' erronea a idéa de que John Taylor notavel cirurgião e charlatão inglez tivesse mostrado pela primeira vez uma operação de catarata a Daviel no ano de 1734, quando aquele fazia uma excursão por Marselha.

Durante dois anos trabalhou incansavelmente pois em 1736 já o seu nome transpunha as fronteiras da França, sendo chamado a muitos paizes da Europa.

Em 1740 foi nomeado membro da Academia de Cirurgia de Paris, sendo considerado ainda como Mestre de Artes e Cirurgião em Marselha, Cirurgião das Galéras, membro das Sociedades de Sciencia de Toulouse, membro da Academia do Instituto de Sciencias de Bologna, professor e demonstrador real de Cirurgia em Marselha.

Durante os poucos anos que se seguiram, Daviel fez diversas operações de catarata tendo sido todas elas operadas pelo metodo da depressão. Esta era a maneira que os cirurgiões da epoca usavam para dar a nova vista aos doentes. Daviel em 1745, estando em Marselha, observou que a marcha das operações era dificultada pelos instrumentos que usava. Mandou preparar então uma lança em forma de agulha, chata e rombuda que acreditava dar melhor resultado quando exercia pressão sobre o cristalino.

Foi procurado nessa ocasião por um ermitão de Provença que tinha sido operado de um olho sem sucesso, e portador de uma catarata no outro olho. Esta operação como conta M. Daviel, foi acompanhada de diversos imprevistos. Serviu-se de uma agulha com as partes lateraes cortantes e introduziu-a na camara anterior. Desde ahi não conseguiu abaixar a catarata e algumas partes do cristalino ficaram nadando na camara anterior, que continha tambem grande quantidade de

sangue, tendo sido obrigado a retirar a agulha pois não via mais nada. Ocorreu-lhe então a idéa de incisar mais a cornea lateralmente por meio de tesouras curvas. Feito isto, com uma espatula fez esvasiar o conteúdo da camara, tornando-se esta limpa, podendo observar então que a pupila estava de tamanho normal e negra, tendo o doente logo em seguida conseguido distinguir os objectos que lhe foram apresentados. Infelizmente appareceu uma supuração dois dias apóz não tendo tido resultado a operação.

Este caso porem, fez Daviel tomar a resolução de não mais operar sinão abrindo a cornea e procurar desalojar o cristalino da sua posição atravez da pupila, afim de que se encontrando na camara anterior seria facil a sua retirada. E assim logo depois foi procurado por uma mulher, na qual executou a técnica referida tendo tido otimo resultado, pois a doente estava completamente boa quinze dias após a operação. Conseguiu realizar mais quatro operações com esta técnica porem observou que faltavam ainda alguns detalhes. Preparou então uma especie de bisturi reto para a incisão da cornea ao nivel da esclerotica, e com a primeira agulha rombuda por si idealizada introduzia entre a iris e a face posterior do cristalino, desalojando o cristalino com mais facilidade e presteza.

Com este resultado brilhante na maioria das vezes, Daviel tornou-se bastante conhecido e procurado, tendo se seguido operações com ritmo acelerado e coroadas de exito.

Em Reims, em dois mezes apenas, operou 43 cataratas, partindo em seguida, reclamando com impaciencia de Caqué, jovem cirurgião de Reims, a sequencia e o post-operatorio das suas intervenções. O cor-reio tardio mencionou depois de muito tempo a perda de 25%, dos casos tendo sido isso atribuido a desobediencia e negligencia dos doentes.

Daviel pensava porem que a rota dos Reformadores não é sempre semeada de rosas, e no ano de 1756, tinha já praticado 434 operações pelo seu ultimo metodo, tendo apenas 56 casos de insucesso. Continuou a operar até 1762, tendo elevado naturalmente a cifra da sua estatistica.

O celebre enciclopedista Diderot refere-se a Daviel nestes termos: “Quem não conhece ou não ouviu falar do famoso Daviel? O espirito bemfeitor de Daviel conduzia os doentes indigentes de todas as partes do reino, ao seu laboratorio, onde vinham implorar os seus serviços, e um dia, testemunhado por M. Marmontel, o doente estava sentado, sua catarata foi retirada e Daviel cobre-lhe os olhos com as mãos. Uma mulher idosa que mostrava grande interesse pelo sucesso da operação aproxima-se e então Daviel retira suas mãos; O doente abre os olhos e grita: Minha Mãe. Eu nunca ouvi grito mais patetico, me parecendo ouvil-o ainda.”

No ano de 1762, dia 30 de Setembro, falece Jacques Daviel, depois de uma serie grande de publicações de seus trabalhos a respeito da cirurgia da catarata, traçando no campo da Oftalmologia um sulco profundo e duradouro.



JACQUES DAVIEL

Cumpre-me dizer algumas palavras sobre a operação de catarata realizada entre nós, quiçá, a primeira que se tem noticia, baseada nos conhecimentos transportados ao Brasil, no ano de 1840, portanto a pouco mais de um seculo. Passo a expôr na integra a descrição da operação retirada do livro de João Antonio de Azevedo, "Manual das Molestias dos Olhos", impresso no Rio de Janeiro em 1841:

"Modo de executar a operação da cornea."

"A extração da catarata, he huma operação por meio da qual se remove do olho o humor christalino opaco, ou a sua capsula, mediante huma abertura praticada na cornea transparente. Achando-se o enfermo, e o olho em estado de convir á operação como fica dito. Cumpre preparalo com sangrias, se ha plectora, purgantes, ou emeticos, se ha vicio de primeiras vias, ou combater alguma disposição morbosa, e algum veneno com os remedios apropriados: a fóra estas circunstancias basta a dieta, e fazer o enfermo tomar seis ou oito dias alguns pediluvios: e destinado o dia, que deve ser claro, e em estação temperada, e melhor ainda no inverno, se praticará a operação do modo seguinte: Sentado o enfermo em huma cadeira defronte de huma janella, de mo-

do que a luz cáia obliquamente do angulo externo para o interno (quanto mais a luz se inclina para o angulo externo, mais facil he o cóрте da cornea) e tendo preparado os instrumentos para a operação, que será só o bisturi, tendo promptos, para servir, pedaços de pano de linho fino, velhos e macios, dobrados em forma triangular, cotão, ou fios muito finos, huma atadura de largura de dois, ou tres dedos, e de comprimento de tres varas, enrolladas pelas duas partes, se porá tudo por sua ordem em huma bandeja para ser administrado. (Julgando-se conveniente, se tamará o olho que se não opera com hum chumaço, sustido por meio de huma venda).

O ajudante situado por detraz do paciente encostará a cabeça no seu peito, para que fique segura, e firme: com o dedo indicador levantará a palpebra superior, aproximando com os mais dedos a cabeça do doente contra o seu peito; isto feito senta-se o operador defronte do paciente, em huma cadeira mais elevada, e pôe correspondente ao olho que se ha de operar, em cima do assento da cadeira do enfermo, o joelho para servir de apoio ao cotovelo, abaixando-se com o dedo minimo da mão direita a palpebra inferior, com os outros dedos apoiados; logo com a mão esquerda pega o operador no bisturi com poley e o index o segura do mesmo modo que se faz na penna para escrever, com os tres dedos bem firmes com a esquerda apoiada na direita, na posição demonstrativa (Fig. 3) introduzindo o bisturi do angulo externo para o interno, de modo, que corresponda bem ao meio circulo, e a meia linha de distancia da cornea opáca, tanto de huma como de outra parte, cortando a cornea transparente em figura igual, até a sua parte inferior, com attenção sempre a dita meia linha de distancia da opáca, fazendo assim a figura de meia lua.

Ordinariamente o diametro da cornea he de cinco linhas e hum terço, a pupilla de linha e meia, devendo-se principiar a meter a ponta do bisturi meia linha antes de chegar ao dito circulo da cornea transparente, como mostra a Fig. 4. Adverte-se porem, que a parte superior do bisturi, que forma huma linha recta deve ficar horisontalmente, passando pelo diametro do circulo da cornea transparente. Quando o dito bisturi penetra a camara interior do olho, seja de modo, que a sua ponta não toque a membrana choroide, uvea e iris. Feita a incisão he obrigado a sahir o humor aquoso, e as mais das vezes o christalino, ou catarata: no caso porem de não sahir, se levantará a porção da membrana com a pinça propria que serve para acção e segura pela parte superior, se farão brandas compressões com a polpa do dedo mediano, que segurava o bisturi: depois de feita esta diligencia sahe o christalino, e havendo alguma porção de humor concrecto, que algumas vezes acompanha a catarata, se tirará com ~~outra pinça propria~~, Fig. B, ou com colher tambem propria, para isso, se segura a porção da membrana, deixa-se cahir esta, limpando de algum humor o globo com huma esponja macia e fina, humede-
cida em agua rosada, depois se pôe em boa ordem e então ou fios

por cima das palpebras que deve ser huma leve cobertura preenchendo mais o angulo interno do olho, por cima destes o apposito de panno triangular, que forma na sobrançelha, e a ponta do triangulo cahe na face, ou maçã do rosto; segue-se a ligadura que principiará pondo a parte media, e voltando os dois globos, hum pela parte lateral esquerda da cabeça, e outra pela direita, até a parte posterior onde se cruzão, e tornando a testa se trocão os globos, o da direita para a esquerda, e o da esquerda para a direita formando por este modo a letra X; e voltando cada huma por baixo de cada huma das orelhas, vão á parte posterior, d'onde tornão a voltar á anterior e seguindo a mesma direcção, vão terceira vez á parte posterior, cruzando as suas pontas, e pregando cada huma d'ellas onde acabar, dando por este modo só duas voltas de atadura por cima dos olhos, pois não devem ser mais, nem menos; depois se conduz o doente á cama, fazendo-o deitar de costas, ficando a cabeça alguma cousa alta logo se sangrará no pé, e se lhe recommendará toda a quietação, evitando toda a causa que o possa obrigar a fallar, tocir, ou açoar, para o que não tomará tabaco (se for acostumado a elle): tomará qualquer tizana antiflogistica, limonada, ou soro, e qualquer das cousas de manhã e de tarde; e á noite ao recolher tomará huma porção de emulção comum com meia onça de Xarope de Diacodio no dia seguinte se renovar á aparelho com muita cautela, sem que o doente abra as palpebras, lavando-as por cima com hum pincel de fios macios, molhados em agua rozada, ou branda infusão de flor de sabugueiro com alguma colher de aguardente, proseguindo nesta cura até o oitavo dia, repetindo-se a sangria, se as forças do doente o permittirem: no oitavo dia tira-se o aparelho, limpando os labios das palpebras de alguma humidade, e se abrirão, ou mandará abrir ao doente muito devagar, e com alguma luz pela parte posterior do doente, natural, ou artificial, para se observarem os olhos; e tendo as cicatrizes formadas e sem maior inflammção se proseguirá a cura do mesmo modo, aliviando os apositos, e ataduras, deixando-o assentar na cama o espaço de duas horas, e tornando-se a deitar com muito vagar e cautela; no dia seguinte poderá estar mais huma hora, e se lhe dará huma pequena porção de sopa no caldo, ou se engrossará com alguns grãos de arroz, ou cevadinha: no decimo dia, em o qual se farão distinguir ao doente alguns objetos (depois do olhos bem limpos) fazendo estas experiencias com toda a cautela possivel, tendo as costas contra a luz, e pondo hum bocado de tafetá verde na testa que passe alguma cousa abaixo a que se póde chamar avental, ou tapa-luz dos olhos, tendo-se attenção nesta semana; pois sem ella se porão os olhos no risco de se perderem ou de se inflammarem. Se o doente ainda não puder supportar tanta luz, se deixará passar mais luz na casa, e sempre com as costas para a parte d'ella, e olhando para os pés.

Quando não ha symptoma grave, o tempo mais ou menos para o curativo he de hum mez, isto se entende para os que são operados dos dois olhos; porque os que são só de hum podem sahir mais cedo com a cautela do avental. Em fim este tratamento deve variar segundo as circunstancias.

O operador deve dirigir a conducta do doente de modo, que se-gure a utilidade da operação, que a experiência tem mostrado frustar-se não só pelos symptomas, mas por desordens do doente como algumas vezes se tem observado".

Vemos pela descripção de João Antonio, que a operação de catarata entre nós teve um inicio, bastante fundamentado pois vemos como preocupava o seu autor o pré, o post operatorio e mesmo o acto cirurgico. Si bem que fundada a operação nos trabalhos estrangeiros da epoca, em que não se contava com a asepsia e a anestesia, mostra ella um grande desenvolvimento da oftalmologia entre nós.

B I B L I O G R A F I A

- 1 — Histoire de l'ophtalmologie — Truc et Pansier — Paris — 1907.
- 2 — La renaissance de l'ophtalmologie — Julius Hirschberg — 1909
- 3 — Storia della Medicina — Arturo Castiglione — 1936.
- 4 — Clio Medica — Oftalmology. Burton Chance — 1939.
- 5 — Traité d'ophtalmologie — Vol. I — 1939.
- 6 — Manual de Molestias dos olhos. J. A. Azevedo. 1841 — Rio.
- 7 — Encyclopedia Americana de Oftalmologia — Vol. XI — 1913.

O TRACOMA NA PARAÍBA E A SUA PROFILAXIA (*)

JÓSA MAGALHÃES — João Pessoa — Paraíba

Em diversos pontos do Estado da Paraíba, nomeadamente em alguns municípios da região bregeira, medra o TRACOMA com feição endêmica. Divulgado nada existe em respeito á existência desta individualidade nosológica em o nosso Estado. Ignoramos a época do seu aparecimento e a procedência dos primeiros casos aqui surgidos. Todavia, não podemos deixar de relacionar a incidência tracomatosa da Paraíba com o fóco desta conjuntivite existente no Ceará. Muito plausivel é que ao surgir o TRACOMA no sul daquêlê Estado, logo de

(*) Transcrito de **Medicina** - Ano X - Dez. - 1941 - n.º 2 - João Pessoa - Paraíba.